

MARTIN HEIDEGGER



*Platão:
o sofista*

Tradução
Marco Antônio Casanova



Rio de Janeiro

- A EDITORA FORENSE se responsabiliza pelos vícios do produto no que concerne à sua edição, aí compreendidas a impressão e a apresentação. a fim de possibilitar ao consumidor bem manuseá-lo e lê-lo. Os vícios relacionados à atualização da obra, aos conceitos doutrinários, às concepções ideológicas e referências indevidas são de responsabilidade do autor e/ou atualizador.
As reclamações devem ser feitas até noventa dias a partir da compra e venda com nota fiscal (interpretação do art. 26 da Lei n. 8.078, de 11.09.1990)
- Traduzido de:
PLATON: SOPHISTES
Copyright © Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main 1992.
All Rights Reserved.



“The translation of this work was supported by a grant from the Goethe-Institut which is funded by the German Ministry of Foreign Affairs”.

- **Platão: o sofista**

ISBN 978-85-309-3510-8

Direitos exclusivos para o Brasil na língua portuguesa

Copyright © 2012 by

FORENSE UNIVERSITÁRIA um selo da EDITORA FORENSE LTDA.

Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional

Travessa do Ouvidor, 11 – 6º andar – 20040-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tels.: (0XX21) 3543-0770 – Fax: (0XX21) 3543-0896

bilacpinto@grupogen.com.br | www.grupogen.com.br

- O titular cuja obra seja fraudulentamente reproduzida, divulgada ou de qualquer forma utilizada poderá requerer a apreensão dos exemplares reproduzidos ou a suspensão da divulgação, sem prejuízo da indenização cabível (art. 102 da Lei n. 9.610, de 19.02.1998).
Quem vender, expuser à venda, ocultar, adquirir, distribuir, tiver em depósito ou utilizar obra ou fonograma reproduzidos com fraude, com a finalidade de vender, obter ganho, vantagem, proveito, lucro direto ou indireto, para si ou para outrem, será solidariamente responsável com o contrafator, nos termos dos artigos precedentes, respondendo como contrafatores o importador e o distribuidor em caso de reprodução no exterior (art. 104 da Lei n. 9.610/98).

1ª edição – 2012

- CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

H37p

Heidegger, Martin. 1889-1976

Platão: o sofista / Martin Heidegger; [tradução de Marco Antônio Casanova]. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

Tradução de: Platon. Sophistes

ISBN 978-85-309-3510-8

1. Platão. 2. Lógica. 3. Significação (Filosofia). 4. Aristóteles. I. Título.

12-0716.

CDD: 184
CDU: 1(38)

SUMÁRIO

NECROLÓGIO PARA PAUL NATORP	1
CONSIDERAÇÃO PRÉVIA	7
§ 1. A necessidade de uma preparação dupla da interpretação dos diálogos platônicos	7
a) Preparação filosófico-fenomenológica. Método e intenção da fenomenologia. .	8
b) Preparação historiológico-hermenêutica. O princípio da hermenêutica: do claro para o obscuro. De Aristóteles para Platão	10
c) Primeira indicação do tema do <i>Sofista</i> . O sofista. O filósofo. O ser do ente .	12
§ 2. Orientação sobre o Sofista de Platão a partir de Aristóteles	13
a) O tema: o ser do ente	13
b) O modo de acesso: conhecimento e verdade. ἀλήθεια (verdade – desvelamento)	14
§ 3. Primeira caracterização da ἀλήθεια (verdade – desvelamento)	15
a) O significado da palavra ἀλήθεια (verdade – desvelamento). ἀλήθεια (verdade – desvelamento) e ser-ai	15
b) ἀλήθεια (verdade – desvelamento) e linguagem (λόγος). A ἀλήθεια (verdade – desvelamento) como modo de ser do homem (ἔχον λόγον ἔχον – ser vivo que possui linguagem) ou como modo da vida (ψυχή – alma)	17
PARTE INTRODUTÓRIA	
PRIMEIRO CAPÍTULO.	21
A visão panorâmica preparatória dos modos do ἀληθεύειν (desvelamento) (ἐπιστήμη/ciência, τέχνη/arte, φρόνησις/circunvisão, σοφία (sabedoria)/sabedoria, νοῦς/pensamento) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 2-6).	21
§ 4. O significado do ἀληθεύειν (desvelamento) em Aristóteles para a pesquisa ontológica platônica	21
a) Os cinco modos do ἀληθεύειν (desvelamento) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 3). O ἀληθεύειν (desvelamento) como solo da pesquisa ontológica. A ἀλήθεια (verdade – desvelamento) como determinação de ser do ser-ai (ἀληθεύει ἡ ψυχή – a alma desvela).	21
b) A história do conceito de verdade	24
§ 5. A primeira divisão dos cinco modos do ἀληθεύειν (desvelamento) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 2).	27
a) Os dois tipos fundamentais do λόγον ἔχον (ter linguagem): ἐπιστημονικόν (o que promove o saber) e λογιστικόν (o que promove a reflexão sobre algo).	27
b) Tarefa e primeiro esboço da investigação	30
§ 6. A determinação essencial da ἐπιστήμη (ciência) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 3)	31

a) O objeto da ἐπιστήμη (ciência): aquilo que é sempre (ἀίδιον). A ἐπιστήμη (ciência) como ἔξις do ἀληθεύειν (o estado do desvelamento). A interpretação do ser a partir do tempo (ἀίδιον – do que é sempre). αἰεί (do eterno), αἰών (da eternidade)	32
b) A posição da ἀρχή (princípio) na ἐπιστήμη (ciência). (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 3; <i>Análiticos posteriores</i> I, 1) A possibilidade de ensinar a ἐπιστήμη (ciência). ἀπόδειξις (demonstração) e ἐπαγωγή (condução). O pressuposto do ἀρχή (princípio).	35
c) πράξις (ação) e ποίησις (produção) como modos de realização imediatos do ἀληθεύειν (desvelamento). A ἐπιστήμη (ciência) como “πράξις (ação)” autônoma do ἀληθεύειν (desvelamento)	39
§ 7. A análise da τέχνη (arte) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 4)	41
a) O objeto da τέχνη (arte): o ser-deveniente (εἰσόμενον)	41
b) A posição da ἀρχή (princípio) na τέχνη (arte). (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 4; <i>Metafísica</i> VII, 7). A relação dupla da τέχνη (arte) com a sua ἀρχή (princípio). εἶδος (aspecto) e ἔργον (obra). O caráter de παρά (ao lado de) do ἔργον (obra).	41
c) O εἶδος (aspecto) como ἀρχή (princípio) da κίνησις (movimento) da τέχνη (arte) na totalidade (<i>Metafísica</i> VII, 7) νόησις (conhecimento) e ποίησις (produção). A τέχνη (arte) como solo da interpretação do ser por meio do εἶδος (aspecto).	46
§ 8. A análise da φρόνησις (circunvisão) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 5)	50
a) O objeto da φρόνησις (circunvisão): o próprio ser-ai. A determinação do τέλος (do fim) da φρόνησις (circunvisão) em meio à demarcação em relação ao τέλος (ao fim) da τέχνη (arte): identidade prévia na φρόνησις (circunvisão); diversidade na τέχνη (arte)	50
b) A φρόνησις (circunvisão) como ἀ-ληθεύειν (como des-velamento) ἡδονή (prazer) e λύπη (dor). σωφροσύνη (temperança). A φρόνησις (circunvisão) como luta contra a tendência de encobrimento de si mesmo que reside no ser-ai. A φρόνησις (circunvisão) como ἀληθεύειν (desvelamento) não autônomo a serviço da πράξις (ação).	54
c) A demarcação da φρόνησις (circunvisão) em contraposição à τέχνη (arte) e à ἐπιστήμη (ciência). A φρόνησις (circunvisão) como ἀρετή (virtude). A φρόνησις (circunvisão) como consciência “in-esquecível”. A σοφία (sabedoria) como ἀρετή τέχνης (virtude da arte)	56
§ 9. A análise da σοφία (sabedoria) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 6-7)	61
a) A relação dia-noética de ἐπιστήμη (ciência), φρόνησις (circunvisão) e σοφία (sabedoria) com as ἀρχαί (os princípios) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 6)	61
b) O νοῦς (pensamento) como ἀληθεύειν (desvelamento) das ἀρχαί (dos princípios) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 7). A σοφία (sabedoria) como νοῦς καὶ ἐπιστήμη (pensamento e ciência).	63
c) A projeção ulterior da investigação. φρόνησις (circunvisão) e σοφία (sabedoria) como modos do ἀληθεύειν (desvelamento). O primado da σοφία (sabedoria). Sua origem na compreensão grega natural do ser-ai como método da investigação. ●εωρία (teoria): explicação vernacular e história do conceito	64

SEGUNDO CAPÍTULO.....	71
A gênese da σοφία (sabedoria) no interior do ser-aí natural dos gregos (αἰσθησις/percepção sensível, ἐμπειρία/experiência, τέχνη/arte, ἐπιστήμη/ciência, σοφία/sabedoria) (<i>Metafisica</i> I, 1-2).....	71
§ 10. Caracterização introdutória da investigação. Seu fio condutor: o exprimir-se do próprio ser-aí. Seu curso: os cinco níveis do εἰδέναι (saber). Sua meta: α σοφία (a sabedoria) como μάλιστα ἀληθεύειν (o maior desvelamento).....	71
§ 11. Os três primeiros níveis do εἰδέναι (saber): αἰσθησις (percepção sensível) – ἐμπειρία (experiência) – τέχνη (arte) (<i>Metafisica</i> I, 1).....	76
a) αἰσθησις (percepção sensível). O primado do ὄραῖν (ver). O ἀκούειν (ouvir) como condição da vida. μνήμη (memória) e φρόνησις (circunvisão).....	76
b) ἐμπειρία (Experiência) A conexão referencial: logo que – então. Seu caráter temporal.....	78
c) τέχνη (arte). As modificações da conexão referencial. O destacar-se do εἶδος (aspecto). Se – então. Como – por isso. τέχνη (arte) e ἐμπειρία (experiência). καθόλου (universal) e καθ' ἕκαστον (de acordo com cada aspecto).....	80
§ 12. Excurso: καθόλου (universal) e καθ' ἕκαστον (de acordo com cada ponto de vista). O caminho da filosofia (em particular: <i>Metafisica</i> V, 26; <i>Tópicos</i> VI, 4; <i>Física</i> I,1).....	85
a) Os significados múltiplos do ὅλον (todo). O καθόλου (universal) como ὅλον λεγόμενον (o que é dito como um todo – <i>Metafisica</i>).....	85
b) O modo de acesso como <i>distingens</i> de καθ' ἕκαστον (de acordo com cada ponto de vista) e καθόλου (universal). αἰσθησις (percepção sensível) e λόγος (discurso). πρὸς ἡμᾶς γνωριμώτερον (cognoscível para nós) e ἀπλῶς γνωριμώτερον (cognoscível em conjunto). O caminho da filosofia (de acordo com <i>Tópicos</i> VI, 4, e <i>Metafisica</i> VII, 3): do καθ' ἕκαστον (de acordo com cada ponto de vista) ao καθόλου (universal).....	89
c) O caminho da filosofia (<i>Física</i> I, 1). Do καθόλου (universal) ao καθ' ἕκαστον (aquilo que é de acordo com um ponto de vista determinado). Dissolução da suposta contradição presente nos <i>Tópicos</i> VI, 4, e na <i>Física</i> I, 1.....	94
§ 13. Prosseguimento: τέχνη (arte) e ἐπιστήμη (ciência) (<i>Metafisica</i> I, 1). A tendência que reside na τέχνη (arte) para uma ἐπιστήμη (ciência) “autônoma”. O desenvolvimento ulterior da ἐπιστήμη (ciência).....	99
§ 14. σοφία (sabedoria) (<i>Metafisica</i> I, 2). Os quatro momentos essenciais da σοφία (sabedoria) (πάντα – tudo, χαλεπώτατα – as coisas mais difíceis, ἀκριβέστατα – as coisas mais exatas, αὐτῆς ἕνεκεν – em virtude de si). Recondição explicativa dos três primeiros momentos essenciais ao μάλιστα καθόλου (ao que há de mais universal).....	103
§ 15. Excurso: orientação geral sobre a essência da matemática de acordo com Aristóteles.....	109
a) Algo fundamental sobre a matemática em geral. (<i>Física</i> II, 2). O χωρίζειν (a divisão) como ato fundamental da matemática. Crítica do χωρισμός (da cisão) na teoria das ideias de Platão.....	110

b) A diferença entre geometria e aritmética. A crescente “abstração” do φύσει ὄν (ente físico): στιγμή οὐσία θετός; μονάς οὐσία ἄθετος	113
α) τόπος (lugar) e θέσις (posicionamento) (de acordo com a <i>Física</i> V, 1-5). A determinação absoluta (φύσει – segundo a natureza) do τόπος (lugar): limite (πέρας) e possibilidade (δύναμις) do ser propriamente dito de um ente	115
β) A gênese da geometria e da aritmética a partir do τόπος (do lugar). A conquista dos objetos geométricos por meio do destaque das πέρατα (dos limites) (τόπος – lugar) dos φύσει ὄντα (entes físicos). A determinação de sua situação (θέσις – posicionamento). <i>Analysis situs</i> . μονάς: οὐσία ἄθετος (unidade: entidade não posicionada)	120
γ) A estrutura de conexão do múltiplo na geometria e na aritmética; συνεχές (continuidade) e ἐφεξῆς (unidade serial)	123
αα) Os fenômenos da coexistência dos φύσει ὄντα (entes físicos – <i>Física</i> V, 3)	124
ββ) As estruturas conectivas do âmbito geométrico e do aritmético: συνεχές (contínuo) e ἐφεξῆς (subsequente)	127
γγ) Consequências para a reunião do múltiplo na geometria e na aritmética (<i>Categorias</i> 6)	130
§ 16. Prosseguimento: σοφία (sabedoria) (<i>Metafísica</i> I, 2; Parte 1). O quarto momento essencial da σοφία (sabedoria): a autonomia do ἀληθεύειν (desvelar) ‘εαυτῆς ἔνεκεν. μὴ πρὸς χρήσιν (em virtude da coisa mesma. longe de todas as necessidades)	134
a) O tema da σοφία (sabedoria). Ο ἀγαθόν (bem) como τέλος (fim) e derradeiro οὐ ἔνεκα (em virtude de); como αἴτιον (causa) e ἀρχή (princípio); como objeto do puro θεωρεῖν (contemplar)	135
b) A origem da σοφία (sabedoria) a partir do próprio ser-ai. θαυμάζειν (admirar-se) e ἀπορεῖν (encontrar-se diante de uma aporia) como origem da filosofia. A tendência que reside no próprio ser-ai para o puro θεωρεῖν (contemplar)	139
§ 17. Resumo: os modos do ἀληθεύειν (desvelamento) como modificações do ser-ai que se orienta	143
TERCEIRO CAPÍTULO	147
A questão acerca do primado da φρόνησις (circunvisão) ou da σοφία (sabedoria) como os modos mais elevados do ἀληθεύειν (desvelamento) (<i>Metafísica</i> I, 2; Parte 2; <i>Ética a Nicômaco</i> VI, 7-10; X, 6-7)	147
§ 18. O caráter divino da σοφία (sabedoria) e a questionabilidade da σοφία (sabedoria) como possibilidade do homem (<i>Metafísica</i> I, 2; Parte 2). A σοφία (sabedoria) como ser constante junto ao αἰεῖ (que é sempre). O ser-ai humano como “escravo” (δούλη) das ἀναγκαῖα (necessidades) e do ἄλλως ἔχοντα (daquilo que pode se dar de maneira diversa). O primado da σοφία (sabedoria) com vistas ao ἀληθεύειν (desvelamento)	147
§ 19. A φρόνησις (circunvisão) como possibilidade propriamente dita do homem e a recusa da φρόνησις (circunvisão) como “σοφία” (sabedoria) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 7; Parte 2). A seriedade da φρόνησις (circunvisão). Ο ὑκρότατον	

ἀγαθὸν ἀνθρώπινον (bem humano supremo) como objeto da φρόνησις (circunvisão). O ἄριστον ἐν τῷ κόσμῳ (melhor no cosmos) como objeto da σοφία (sabedoria). Prelinamento da superioridade ontológica como critério do primado da σοφία (sabedoria)	151
§ 20. Conceção mais radical da φρόνησις (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 8-9).	154
a) A φρόνησις (circunvisão) como πρακτικὴ ἔξις (ação prática – <i>Ética a Nicômaco</i> VI, 8).	154
b) O modo de surgimento de φρόνησις (circunvisão) e ἐπιστήμη (saber). (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 9). φρόνησις (circunvisão): ἐξ ἑμπειρίας (experiência de vida). Matemática: δι' ἀφαιρέσεως (por meio de abstração)	157
§ 21. Exposição da tarefa ulterior: a relação da φρόνησις (circunvisão) e da σοφία (sabedoria) com as ἀρχαί (os princípios). σοφία (sabedoria): νοῦς καὶ ἐπιστήμη (pensamento e saber). A tarefa da clarificação do βουλευέσθαι (da deliberação) como modo de realização da φρόνησις (circunvisão)	160
§ 22. A εὐβουλία (boa deliberação) como modo de realização da φρόνησις (circunvisão) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 10).	162
a) A estrutura do βουλευέσθαι (da deliberação)	164
α) Análise estrutural da ação. Os momentos constitutivos da ação. ἀρχή (princípio) e τέλος (fim) da ação: εὐπραξία (ação plena) e εὐβουλία (boa deliberação)	164
β) A εὐβουλία (boa deliberação) como φρόνησις (circunvisão) propriamente dita. A correção (ὀρθότης) da εὐβουλία (boa deliberação). A resolução (βουλή). O βουλευέσθαι (a deliberação) como συλλογίζεσθαι (reflexão silogística). O ὀρθὸς λόγος (discurso correto)	167
b) Demarcação da εὐβουλία (boa deliberação) em relação a outros modos de ἀληθεύειν (desvelamento). Saber (ἐπιστήμη). Sagacidade (εὐστοχία). Presença de espírito (ἀγχίνοια), Opinião (δόξα)	170
c) A ὀρθότης (correção) da εὐβουλία (boa deliberação). O estar dirigido corretamente para o ἀγαθόν (bem)	173
§ 23. φρόνησις (circunvisão) e νοῦς (pensamento).	176
a) O νοῦς (pensar) na σοφία (sabedoria) e na φρόνησις (circunvisão). A dupla direção do νοῦς (pensar). σοφία (sabedoria): νοῦς (pensamento) → πρώτα (os elementos primeiros); φρόνησις (circunvisão): νοῦς (pensamento) → ἔσχατα (os elementos derradeiros). O silogismo prático. O νοῦς (pensamento) prático como αἴσθησις (percepção sensível).	176
b) νοῦς (pensamento) prático e αἴσθησις (percepção) (<i>Ética a Nicômaco</i> VI, 9; III, 5). A αἴσθησις (percepção) como apreensão dos ἔσχατα (elementos derradeiros). Comparação com a ἀνάλυσις (análise) na geometria. Modos da αἴσθησις (percepção). αἴσθησις (percepção) geométrica e prática.	180
c) φρόνησις (circunvisão) e σοφία (sabedoria) como modos extremos mutuamente contrapostos do ἀληθεύειν (desvelamento) (νοῦς – pensamento). αἰεὶ (eternidade) e in-stante (um lance de olhos). – Perspectiva: νοῦς (pensamento) e διαλέγεσθαι (pensamento dialógico). Aristóteles e Platão	184

§ 24. A decisão da questão do primado da φρόνησις (circunvisão) ou da σοφία (sabedoria) em favor da σοφία (sabedoria)	187
a) A dificuldade da decisão: méritos e falhas junto à φρόνησις (circunvisão) e à σοφία (sabedoria). A questão da relação com o ser-aí humano. Autonomia e falta de autonomia do ἀληθεύειν (desvelamento)	187
b) Os critérios da decisão. O nível hierárquico do ἀληθεύειν (desvelamento) como tal. A autonomia da “realização” (ποιεῖν); a σοφία (sabedoria) como a ὑγίεια (saúde) da ψυχή (alma). O primado ontológico de acordo com o conceito grego de ser	191
§ 25. O primado da σοφία (sabedoria) a partir da perspectiva da εὐδαιμονία (felicidade) (<i>Ética a Nicômaco</i> X, 6-7).	195
a) A ideia da εὐδαιμονία (felicidade) (<i>Ética a Nicômaco</i> X, 6). O sentido ontológico da εὐδαιμονία (felicidade) como ser consumado da ψυχή (alma).	195
b) Os momentos estruturais da εὐδαιμονία (felicidade) e seu preenchimento por meio do θεωρεῖν (da contemplação teórica) da σοφία (sabedoria) (νοῦς – pensamento) (<i>Ética a Nicômaco</i> X, 7)	197
§ 26. Amplitude e limite do λόγος (discurso).	203
a) λόγος (discurso) e νοῦς (pensamento) νοεῖν (pensar) e διανοεῖν (pensar dialógico). A apreensão dos πρώτα (primeiros elementos) e dos ἔσχατα (últimos elementos) por meio do νοεῖν (pensar)	203
b) λόγος (discurso) e ἀλήθεια (desvelamento)	205
α) λόγος σημαντικός (discurso) e λόγος ἀποφαντικός (“juízo”) (<i>De interpretatione, capítulo 4; De anima</i> II, 8)	205
β) A rejeição do λόγος (discurso) como sítio propriamente dito da verdade. O νοεῖν (pensar) como ἀληθεύειν (desvelamento) sem λόγος (discurso). O λόγος ἀποφαντικός (enunciado mostrador) como sítio do ψευδός (falso). A estrutura sintética do λόγος ἀποφαντικός (da proposição mostradora) como condição de possibilidade do ψευδός (falso)	207
γ) Crítica da doutrina tradicional do juízo. σύνθεσις (síntese) e διαίρεσις (dissociação) como estruturas fundamentais do λόγος ἀποφαντικός (enunciado mostrador) em geral	209
δ) O ἀληθές (verdadeiro) como modo de vir ao encontro do ser (<i>Metafísica</i> VI, 2 e 4)	211

TRANSIÇÃO

A FIXAÇÃO DO CAMPO TEMÁTICO A PARTIR DO ΑΛΗΘΕΥΕΙΝ	215
§ 27. O que foi realizado até aqui e a tarefa ulterior. O que foi realizado até aqui: a conquista do modo de acesso (= ἀληθεύειν – desvelamento). A tarefa: fixação do tema a partir do ἀληθεύειν (do desvelamento) em Platão (= διαλέγεσθαι – exame dialógico). Primeira indicação do tema: a revolução do conceito de ser; o ser do não ser (= ψευδός – falso)	215
§ 28. Primeira caracterização da dialética em Platão	221

a) O διαλέγεσθαι (exame dialógico) como ἀληθεύειν (desvelamento da verdade). Retomada e prosseguimento daquilo que foi dito sobre o λόγος (a proposição): rejeição do λόγος (da proposição) como o sitio propriamente dito da verdade. O λόγος (a proposição) como o modo mais imediato do ἀληθεύειν (desvelamento) tanto quanto do falatório encobridor. O sentido fundamental da “dialética”: a ruptura com o falatório, tendência para o ver (νοεῖν – pensar)	221
b) Crítica à concepção tradicional da dialética. Dialética: não uma técnica de pensamento, mas um estágio prévio do νοεῖν (pensar). Posição de Aristóteles em relação à dialética	225
c) Os significados do temo “λόγος” (discurso) em Platão	227
§ 29. Complemento: e renovação em relação ao solo da investigação ontológica grega em O sofista de Platão	230
a) O fio condutor duplo da investigação ontológica em O sofista de Platão: o ser-aí concreto (o filósofo, o sofista); o λέγειν (o dizer).	230
b) O λόγος (discurso) como fio condutor da investigação ontológica em Aristóteles (“onto-logia”)	232
§ 30. Filosofia – dialética – sofística em Aristóteles (Metafísica IV, 1-2)	234
a) A ideia da filosofia primeira. A filosofia primeira como ciência do ὄν ἢ ὄν (ente como ente). Demarcação da filosofia primeira em relação às ciências particulares. O ser como φύσις τις (certa natureza). A investigação sobre os στοιχεῖα (elementos) dos antigos. Outras estruturas ontológicas. Filosofia primeira e filosofia segunda	234
b) Demarcação da dialética e da sofística em contraposição à filosofia primeira. A comunhão do objeto da dialética, da sofística e da filosofia: o “todo”. A diferença de dialética e sofística em relação à filosofia: filosofia = γυωριστικὴ (arte da decisão avalizada); dialética = περαστικὴ (arte da tentativa); sofística = φαινομένη σοφία (sabedoria aparente) (εὖ λέγειν – falar plenamente)	240
§ 31. Primeira caracterização da sofística. Prosseguimento	243
a) A ideia da παιδεία (formação) na sofística e em Aristóteles. εὖ λέγειν (falar bem). Ausência de substancialidade coisal e substancialidade coisal. Prelineamento do ἀληθεύειν (desvelamento) como o solo da sofística.	243
b) Crítica da interpretação tradicional da sofística	245
c) Sofística e retórica. O posicionamento diverso da retórica em Platão e em Aristóteles. O ponto em comum no julgamento da sofística (φαινομένη σοφία – sabedoria aparente)	246
d) O ἀληθεύειν (desvelamento) como solo da questão acerca do μὴ ὄν (não ser) (= ψεῦδος – o falso)	248
§ 32. Prosseguimento: a ideia da filosofia primeira em Aristóteles	248
a) A filosofia primeira como ontologia (ὄν ἢ ὄν – o ente como ente) e teologia. Explicação da duplicação a partir da compreensão grega de ser (= presença).	248
b) O λόγος (discurso) como fio condutor para a pesquisa ontológica da σοφία (sabedoria). Explicação da função diretriz do λόγος (discurso) a partir da compreensão de ser grega	251

PARTE PRINCIPAL

A INVESTIGAÇÃO PLATÔNICA ACERCA DO SER – INTERPRETAÇÃO DE <i>O SOFISTA</i> – OBSERVAÇÕES PRÉVIAS	253
§ 33. O sentido da preparação até aqui. A conquista do solo para a compreensão substancial de um diálogo especificamente grego. Sua insuficiência.	253
§ 34. Repetição: primeira caracterização da sofística. Demarcação da sofística em relação à dialética e à filosofia. A apreciação do εὖ λέγειν (bem falar): ausência de substancialidade e consonância com a coisa – substancialidade e consonância com a coisa	255
§ 35. Estrutura e divisão de <i>O sofista</i>	257
a) Caracterização geral da estrutura de <i>O sofista</i> . A divisão tradicional: introdução, capa, núcleo. Assunção e crítica	257
b) A divisão do diálogo <i>O sofista</i> (segundo H. Bonitz)	259
INTRODUÇÃO – A PREPARAÇÃO DO DIÁLOGO (<i>O SOFISTA</i> – 216a-219a) ..	261
§ 36. Primeira indicação do tema e do método do diálogo. Introdução do ζένος (estrangeiro) de Eléa. As teses fundamentais do Parmênides. θεός ἐλεγκτικός (argumentos divinos)? A divindade da filosofia. Tema do diálogo: o filósofo. Método: διακρίνειν τὸ γένος (distinguir o gênero). O solo do διακρίνειν (da distinção): o mostrar-se mais imediato (φάντασμα – fantasma) e a opinião popular: φιλόσοφοι (filósofos) = πολιτικοί (políticos) – σοφισταί (sofistas) – μανικοί (loucos)	261
§ 37. Determinação precisa do tema. Explicação do objeto temático de um questionamento em geral: a diferenciação da coisa (τί – algo), determinação da coisa (γένος – gênero), designação da coisa (ὄνομα – nome). O λόγος como o campo uno dessa diferenciação tripla. Tarefa: aplicação dessa diferenciação a três objetos: σοφιστής (sofista) – πολιτικός (político) – φιλόσοφος (filósofo) ..	271
§ 38. Determinação precisa do método.	275
a) O λόγος (discurso) como método de investigação. O tipo do λόγος (discurso): forma mista entre diálogo e ensaio monológico. Introdução de Teeteto como parceiro de diálogo. Entendimento quanto ao tema mais imediato: o sofista. Regra fundamental do método: τὸ πρᾶγμα αὐτὸ διὰ λόγων (a coisa mesma por meio do discurso). A suspensão do pensamento vinculado à coisa e metodológico em Platão	275
b) O esclarecimento do λόγος (discurso) como tarefa fundamental nos gregos. Domínio da lógica proposicional sobre o λόγος (discurso)	278
§ 39. A questão acerca da filosofia na época atual: complicação ante Platão. A influência do cristianismo e do Renascimento. O obscurecimento da ideia da pesquisa material. “Filosofia profética” e “filosofia científica” (K. Jaspers). A liberdade da substancialidade consonante com a coisa	279
§ 40. Transição para a coisa mesma: a escolha do objeto exemplar. O critério duplo: 1. Simplicidade, 2. Analogia e riqueza das estruturas ontológicas. O ἄσπαιευτής (pescador) como objeto exemplar	283

PRIMEIRA SEÇÃO – A BUSCA DO ΛΟΓΟΣ (LINGUAGEM) DA EXISTÊNCIA FÁTICA DO SOFISTA (<i>O SOFISTA</i> 219a-221c)	287
PRIMEIRO CAPÍTULO	287
Um exemplo do método da definição. A definição do ἀσπαλιευτής (pescador com anzol)	287
§ 41. A amplitude do objeto exemplar (ἀσπαλιευτής – pescador com anzol) e de seu modo de tratamento. <i>O sofista</i> : nenhum “diálogo metodológico puro”.	287
§ 42. A τέχνη (arte) como determinação fundamental do ἀσπαλιευτής (pescador com anzol) e seus dois εἶδη (aspectos) (ποιητική – arte poética, κτητική – arte da aquisição)	288
a) A τέχνη (arte) como determinação fundamental do ἀσπαλιευτής (pescador com anzol). Ο ζήτημα πρῶτον (o que inicialmente se busca e se encontra) como “posição prévia”. τέχνη (arte): entender de, δύναμις εἰς (possibilidade para). Horizonte: vida, ser-ai.	288
b) O primeiro εἶδος (aspecto) da τέχνη (arte): ποιητική (arte poética)	292
α) Apresentação dos fenômenos. Exposição do fenômeno fundamental idêntico: ἄγειν εἰς οὐσίαν (trazer ao ser).	292
β) Perspectiva: o sentido de ser nos gregos. Ser (οὐσία) – presença, encontrar-se à disposição, ser <i>pro</i> -duzido. ἄγειν εἰς οὐσίαν (trazer ao ser) = <i>pro</i> -duzir, ποιῆν. Dedução do sentido de ser a partir do mundo circundante. A ontologia natural do ser-ai. ποίησις (produção) e οὐσία (entidade)	294
c) O segundo εἶδος (aspecto) da τέχνη (da arte): κτητική (arte da aquisição)	298
α) Apresentação dos fenômenos. Exposição do fenômeno fundamental idêntico: κτήσθαι (apropriar-se). Possibilidades fundamentais da apropriação: 1. λόγος (discurso), 2. πράξις (prática)	298
β) Perspectiva: a compreensão do λόγος (discurso) junto aos gregos. O λόγος (discurso) como apropriação da verdade do ente	301
γ) ποίησις (produção) e κτήσις (aquisição) como modos da lida. As estruturas da lida do ser-ai como um horizonte de interpretação	303
§ 43. A determinação da τέχνη κτητική (arte da aquisição)	305
a) A determinação da κτήσις (aquisição) na direção de seu como. Os modos possíveis da apropriação. Pegar (χειροῦσθαι). Θηρευτική (caça).	305
b) A determinação da κτήσις (aquisição) na direção de seu <i>quid</i> . Ser vivo.	307
c) Outra determinação da θηρευτική (caça) com vistas ao seu <i>modo de se dar</i> . Resumo: a história da origem do ἀσπαλιευτής (pescador com anzol).	310
§ 44. Caracterização genérica do método. Dicotomia e cisão como modos do δηλοῦν (da demonstração). A ressonância da dicotomia platônica no ἄτομον εἶδος (aspecto indiviso) de Aristóteles. Dicotomia e cisão como o modo de tratamento do ente e do ser em Platão	312
SEGUNDO CAPÍTULO	315
A definição do sofista. Definição 1-5 (221c-226a).	315

§ 45. Observações prévias. A complicação da definição do sofista. A indeterminação do ζήτημα πρῶτον (daquilo que é buscado em primeiro lugar). O sentido da definição: asseguramento dos aspectos mais imediatos (φαντάσματα – fantasmas) do sofista em meio aos horizontes conquistados. Propriamente nenhuma definição, mas descrições. Divisão das definições	315
§ 46. A primeira definição do sofista. Caçador: (221c-223b). ζήτημα πρῶτον (o que se busca em primeiro lugar): τέχνη (arte). O trecho comum na história sobre a proveniência do sofista com o ὀσπαλιευτής (pescador com anzol): τέχνη (arte) – κτήσις (aquisição) – χειρωτική (apoderamento) – θηρευτική (caça). Cisão com vistas ao quid da θηρευτική (caça): homens. Normatividade do comportamento fático. O λόγος (discurso) como instrumento do sofista. Retórica como horizonte. ἀρετή (virtude). δοξοπαιδευτική (uma educação que não produz senão ilusões)	317
§ 47. As definições de 2 a 4 do sofista. Mercador (223b-224e)	323
a) A segunda definição. Grande mercador. (223b-224d). Articulação com a primeira definição: ἀρετή (virtude), παιδεία (formação). κτητική (arte da aquisição) – μεταβλητική (arte da troca/comércio) – ἀγοραστική (arte de venda e comércio no mercado). Comércio com λόγοι καὶ μαθήματα ἀρετῆς (com discursos e com aprendizados sobre a virtude). O λόγος (discurso) como o com-o-que do comércio do sofista	323
b) A terceira e a quarta definições. Krämer (224d-e). A distinção da terceira definição (Krämer) de acordo com a síntese das definições (225e). Comércio com 1. λόγοι (discursos) alheios ou 2. com λόγοι (discursos) criados por si mesmo. Concentração crescente das definições do sofista no λόγος (no discurso)	328
§ 48. A quinta definição do sofista. Erístico (224e-226a). Orientação pelos horizontes dados pela definição do ὀσπαλιευτής (pescador com o anzol): κτητική (arte da aquisição) – χειρωτική/ (arte do apoderamento) – ἀγωνιστική (arte da luta). Combate por intermédio do λόγος (discurso). O λόγος (discurso) como fenômeno fundamental das definições dos sofistas; recapitulação. ἀντιλογική (confrontação discursiva), ἐριστική (erística). O tagarela (Teofrasto, “características” 3)	330
§ 49. Transição para a outra tarefa: orientação sobre a posição de Platão em relação ao λόγος (discurso) por intermédio da clarificação de sua posição em relação à retórica	334
TERCEIRO CAPÍTULO	337
Excurso – Orientação sobre a posição de Platão em relação ao λόγος (discurso). A posição de Platão em relação à retórica. Interpretações do Fedro	337
§ 50. Observações introdutórias	337
a) A posição dúbia em relação à retórica. Caracterização universal. A retórica de Platão: πειθῶς δημιουργός (a produção de uma determinada visão). A posição de Platão: negativamente no Górgias, positivamente no Fedro	337
b) O caráter controverso do Fedro. As teses de Schleiermacher em relação ao Fedro e em relação a Platão em geral. Os primórdios da pesquisa histórico-crítica sobre Platão. Dilthey e Schleiermacher	339
§ 51. Caracterização geral do Fedro	343

a) O suposto disparate e a temática central do <i>Fedro</i> : o ser-ai humano mesmo em sua relação com o ser (amor, beleza, alma, discurso)	343
b) Caracterização geral da primeira parte do <i>Fedro</i> . O significado preferencial do λόγος (discurso) para a temática central do <i>Fedro</i> . O amor de Sócrates ao λόγος (discurso) como paixão pelo autoconhecimento.	344
c) Caracterização geral da segunda parte do <i>Fedro</i> . Sua divisão segundo três direções (Retórica e verdade. Verdade e dialética. Retórica como ψυχαγωγία (condução da existência)). A avaliação positiva de Platão em relação ao λόγος (discurso). Visão prévia: seu ceticismo em relação ao λόγος (discurso) como “escrita”	347
§ 52. Lembrança do sentido da interpretação do <i>Fedro</i> em conexão com a interpretação do <i>Sofista</i> . A conquista de uma orientação sobre o λόγος (discurso) como o campo da filosofia científica junto aos gregos. – Passagem para a interpretação da segunda parte do <i>Fedro</i>	349
§ 53. A fundamentação da retórica como possibilidade positiva do ser-ai humano (<i>Fedro</i> , Segunda parte, 259e-274a)	351
a) O ver da verdade como condição de possibilidade da retórica	351
α) A questão acerca da condição de possibilidade da retórica. εἰδέναι τὸ ἀληθές (Conhecimento da verdade). δόξαντα πλήθει (As opiniões da massa). ὀρθότης (Correção)	351
β) A essência da ἀπάτη (ilusão). Caracterização genérica. Sua estrutura: ὁμοιοῦν (semelhança). Seu objeto: as coisas “essenciais”	354
b) O ver da verdade na dialética. Caracterização geral da dialética. Os dois componentes da dialética: συναγωγή (reunião) e διαίρεσις (separação). A συναγωγή (confluência) como ἀνάμνησις (rememoração). A dialética como condição de possibilidade da retórica	358
c) A retórica como ψυχαγωγία (uma condução da alma). Suas condições de possibilidade e seu direito – resumo: a dialética como solo da retórica	365
d) A relação de Platão e Aristóteles com a retórica	367
§ 54. O ceticismo de Platão em relação ao λόγος (discurso) (<i>Fedro</i> , Segunda parte, 274b-279c)	369
a) A possibilidade ontológica do λόγος (discurso) livre	369
b) A crítica da escrita. O mito de Teuth. A escrita como enfraquecimento da μνήμη (memória). λήθη (Esquecimento). σοφίας δόξα (A opinião sábia). A escrita como mero impulso (ὑπόμνησις). O silêncio e o caráter indefeso do λόγος (discurso) escrito. λόγος (Discurso) autêntico e λόγος (discurso) escrito. O λόγος (discurso) escrito como εἶδωλον (imagem)	370
c) A posição de Platão em relação ao λόγος (discurso) na <i>Carta sétima</i>	376
d) A constituição correta da ψυχή (alma) como pressuposto para o λόγος (discurso) autêntico (διαλέγεσθαι – dialética)	378
§ 55. Transição: A dialética no <i>Fedro</i> e no <i>Sofista</i>	379
a) Produto e limite da caracterização da dialética no <i>Fedro</i> . Platão e Aristóteles em relação à dialética e à retórica	379
b) O tema do desenvolvimento ulterior da dialética em <i>O sofista</i> : a diferenciação do “objeto” da dialética (ente – ser e estrutura de ser)	382

QUARTO CAPÍTULO	385
As definições do sofista. Sexta e sétima definições (226a-236c).	385
§ 56. A sexta definição do sofista. Refutador (226a-231c)	385
a) A questão do enquadramento da sexta definição. A construção material das definições. A sexta definição como ligação entre a quinta e a sétima definições (ἀντίλογος – oposição).	385
b) Reconstituição formal do caminho da sexta separação. Explicitação (διαίρεσις) – realce (διάκρισις) – destaque e afastamento – liberação, purificação (κάθαρσις). Visão prévia do objeto propriamente dito da κάθαρσις (purificação): a ἄγνοια (ignorância). A κάθαρσις (purificação) como ἔλεγχος (refutação).	387
c) Reconstituição do caminho da sexta divisão em particular	392
α) A diferenciação do καθάρσεις (purificar) no que concerne ao objeto do sofista (ψυχή – alma). κάθαρσις (Purificação) do corpo e κάθαρσις (purificação) da ψυχή (alma). Observação em relação à dialética. καθάρσις (Purificação) como ἐκβολή τῆς κακίας (alijamento do que é ruim).	392
β) A determinação da κακία (do que é ruim) na ψυχή (alma) a partir do fio condutor do corpo vital	396
αα) A κακία (o que há de ruim) do corpo. Doença: στάσις (rebelião). Feiura: ἄμετρία, δυσειδές (má constituição). O ser-dirigido-para como condição de possibilidade da ἄμετρία (ausência de medida) de um comportamento; análise estrutural genérica.	396
ββ) A ἄμετρία (ausência de medida) na ψυχή (alma): ἄγνοια (ignorância). Análise estrutural do νοεῖν (pensar). O estar dirigido (ὄρμη) do νοεῖν (pensamento) para o ἀληθές (verdadeiro). A ἄγνοια (ignorância) como feiura na ψυχή (alma). O ἀληθεύειν (desvelamento) como καλόν (belo)	400
γγ) O estar-dirigido-para como estrutura originária do ser-ai enquanto ser-em (ser-no-mundo). A descoberta do ser-em junto aos gregos. A interpretação reluzente da existência a partir do “mundo” junto aos gregos. O obscuro da história do questionamento antropológico (Dilthey). A ontologia do ser-ai como pressuposto para uma intelecção da história	402
γ) A determinação da κάθαρσις (purificação) da ἄγνοια (ignorância)	404
αα) A κάθαρσις (purificação) da ἄγνοια (ignorância) como διδασκαλική (ensino)	404
ββ) Determinação ulterior da ἄγνοια (ignorância). A ἄγνοια (ignorância) como ἀμαθία, como pretensão saber e como equívoco, como uma κακία (um vício propriamente dito) na ψυχή (alma)	405
γγ) Determinação ulterior da διδασκαλική (do ensinamento) como κάθαρσις (purificação) da ἄγνοια (ignorância). Nenhuma mediação de conhecimentos, mas liberação para o ἀληθεύειν (desvelamento): παιδεία (formação). O λόγος (discurso) como elemento essencial da παιδεία (formação). Seus tipos: νουθετητική (a arte da exortação) e a arte da refutação. Rejeição da νουθετητική (arte da exortação)	407
δδ) A κάθαρσις (purificação) da ἄγνοια (ignorância) por meio do ἔλεγχος (da refutação). O procedimento do ἔλεγχος (da refutação):	

o jogar umas contra as outras das δόξαι (opiniões) por meio do συνάγειν εἰς ἓν (da reunião no um). Rejeição da suposta descoberta do princípio de não contradição. Sua descoberta em Aristóteles. A ἐκβολή (oalijamento) da δόξα (opinião) como μεγίστη τῶν καθάρσεων (a maior das purificações). A libertação do ser-aí para o ἀληθεύειν (desvelamento)	409
d) O resultado da sexta διαίρεσις (separação): filosofia como “sofística genuinamente nascida”. A semelhança entre filosofia e sofística. A aporia em relação aos sofistas.	414
§ 57. Síntese das seis definições até aqui. A estrutura fundamental una: o sofista como ἀντιλογικός (refutador).	415
§ 58. A sétima definição do sofista. Pseudoartista (232b-236c)	418
a) O “objeto” do λόγος (discurso) sofístico: τὰ πάντα (todas as coisas).	418
α) Enumeração dos “objetos” do λόγος (discurso) sofístico em particular. A orientação da filosofia greco-platônica	418
β) Explicação da τέχνη σοφιστική (arte sofística) como modo da lida. Os momentos estruturais da lida (com o que – como – o que, εἰς ὃ (para o qual)). O primado do εἰς ὃ (para o qual) em Platão	420
γ) A primeira indicação da problemática ontológica da τέχνη σοφιστική (arte sofística): o ser daquilo que não é.	423
b) Apresentação mais concreta do ser fático da τέχνη σοφιστική (arte sofística) a partir do exemplo da τέχνη μιμητική (arte mimética)	424
α) O ser fático da τέχνη σοφιστική (arte sofística) como ἐπιστήμη δοξαστική (conhecimento aparente).	424
β) A τέχνη μιμητική (arte mimética) como ποιεῖν δοκεῖν (fazer parecer). A τέχνη σοφιστική (arte sofística) como ποιεῖν δοκεῖν λέγεσθαι (fazer parecer que se fala)	426
γ) A inserção do λόγος (discurso) sofístico na ποίησις (produção). A τέχνη σοφιστική (arte sofística) como εἰδωλοποιική (produção de imagens). O sofista como μιμητής (artista mimético). A τέχνη σοφιστική (arte sofística) como τέχνη μιμητική (arte mimética). A identidade do sentido fundamental de ποιεῖν (produção), μιμεῖσθαι (imitação), λέγειν (dizer): deixar ver. O sentido de ser nos gregos: ser presente	429
c) Exposição mais aguda do ser fático da τέχνη σοφιστική (arte sofística) a partir do horizonte da τέχνη μιμητική (arte da imitação)	434
α) Os dois tipos de τέχνη μιμητική (da arte da imitação): εἰκαστική (a arte da produção de uma imagem do mesmo) e φανταστική (arte da produção de fantasmas). Os dois tipos de εἶδωλον (imagem): εἰκῶν (imagem do mesmo) e φάντασμα (fantasma). O caráter equivocado da clarificação do fenômeno do conhecimento por meio do fenômeno da imagem. Esclarecimento husserliano do ser da imagem	434
β) A relação entre imagem (εἶδωλον) e o que é apresentado na imagem (ὄν – o ente) na εἰκαστική (arte de produção do mesmo) e na φανταστική (arte de produção de fantasmas). A determinação dos dois tipos de εἶδωλον (imagem): εἰκῶν (o mesmo) e φάντασμα (fantasma). A inten-	

sificação do não ser na φανταστική (arte de produção de fantasmas). A incontestabilidade do ser do não ente	437
γ) A aporia completa da apreensão do sofista. O esconder-se do sofista na obscuridade do μή ὄν (não ser). A outra tarefa: a descoberta do εἶδος (aspecto) do μή ὄν (não ser)	441
SEGUNDA SEÇÃO – EXPLICITAÇÃO ONTOLÓGICA – O SER DO NÃO SER (236e-237a)	
§ 59. Exposição da problemática ontológica	443
a) Síntese do resultado da sétima definição do sofista. A contraditoriedade do ψευδῆς λόγος (discurso falso)	443
b) Excurso: δόξα (opinião) e λόγος (discurso). A δόξα (opinião) como modo do λόγος (discurso) ou da διάνοια (do pensamento discursivo)	444
c) A possibilidade ontológica do ψευδῆς λόγος (discurso falso): o ser do não ser	447
§ 60. A relação da filosofia com a tradição	448
a) Fixação conclusiva do sentido das “definições” do sofista: o impelir para a pesquisa material sobre a coisa mesma. A recusa da tradição dogmática (Parmênides)	448
b) A relação da filosofia atual com a tradição. A “destruição” da tradição dogmática. A apropriação do passado por parte da pesquisa material voltada para a coisa mesma	450
PRIMEIRO CAPÍTULO	
As dificuldades no conceito de não ser (237a-242b)	453
§ 61. A prova da sentença de Parmênides. A indizibilidade do μή ὄν (não ser)	453
a) Primeira apresentação das dificuldades do λέγειν (dizer) do μή ὄν (não ser). O antagonismo fundamental entre μή ὄν (não ser) e λέγειν (dizer) como λέγειν τί (dizer algo)	453
b) Persecução ulterior das dificuldades do λέγειν (dizer) do μή ὄν (não ser). Determinação ulterior da estrutura do que é visado no λέγειν (dizer). ἀριθμός (número) e ὄν (ente). Determinação da contenda entre μή ὄν (não ser) e λέγειν (dizer). A intencionalidade como estrutura fundamental do λέγειν (dizer)	458
§ 62. As dificuldades no conceito do εἶδωλον (da imagem)	464
a) A determinação essencial do εἶδωλον (da imagem). O abalo do sentido rígido de ser em Parmênides por meio dos fenômenos do εἶδωλον (da imagem) e do ψεῦδος (falso): a συμπλοκή (síntese) de μή ὄν (não ser) e ὄν (ser) no sentido do εἶναι πως (ser de algum modo)	464
b) Determinação da tarefa propriamente dita: a revisão da sentença de Parmênides. A modificação do sentido de ser	473
SEGUNDO CAPÍTULO	
As dificuldades no conceito do ente. A discussão das doutrinas antigas e contemporâneas do ὄν (ente) (242b-250e)	477

INTRODUÇÃO	477
§ 63. O ponto de partida da resolução da tarefa: a discussão das doutrinas antigas e das doutrinas do tempo de Platão sobre o ὄν (ente)	477
a) Caracterização universal da confrontação de Platão e Aristóteles com os “antigos”. A fixação do conceito de ἀρχή (princípio) em Aristóteles. A elaboração do “meio” (λόγος – discurso) como centro do desenvolvimento da ontologia grega	477
b) A divisão da discussão das doutrinas antigas e das doutrinas do tempo de Platão sobre o ὄν (ente)	481
I. A discussão das doutrinas antigas do ὄν (ente) (242c-245c)	482
§ 64. Caracterização genérica das primeiras tentativas ontológicas (242c-243c). Projecção das teses sobre o ὄν (ente). μῦθον διηγεῖσθαι (Contar histórias). Prelineamento do modo de procedimento de Platão: elevação à dimensão ontológica	482
§ 65. A discussão da tese da pluralidade do ὄν (ente) (243d-244b). Descoberta do εἶναι (ser) como tarefa não resolvida. Crítica às tentativas “ontológicas” atuais; o esquecimento da questão acerca do sentido de ser. Para a elaboração dessa questão sobre o solo de uma hermenêutica do ser-aí	486
§ 66. A discussão da tese acerca da unidade do ὄν (ente) (244b-245a)	491
a) A discussão do ὄν (ente) como ἓν (uno). A controvérsia entre o sentido da tese e sua expressão linguística. ὑπόθεσις e “hipótese”	491
b) A discussão do ὄν (ente) como ὅλον (todo). A diferença entre o ἓν (uno) como ὅλον (todo) e o ἓν ἀληθῶς (uno verdadeiramente). Consequências para o ὄν (ente) como ὅλον (todo); sua insustentabilidade	497
c) Obscuridades fundamentais	502
II. A discussão das doutrinas do tempo de Platão acerca do ὄν (ente). Α γιγαντομαχία περὶ τῆς οὐσίας (A luta de gigantes em torno do ser – 246a-250e)	506
§ 67. Caracterização genérica das doutrinas do tempo de Platão sobre o ὄν (ente) (246a-246e). I. Tese: οὐσία (entidade) = σῶμα (corpo). 2. Tese: οὐσία (entidade) = εἶδος (aspecto). A tarefa propriamente dita da γιγαντομαχία περὶ τῆς οὐσίας (luta de gigantes em torno do ser): a descoberta do ente que corresponde ao sentido de ser. Ser = presença. O caráter de encontro do ente: I. σῶμα (corpo): αἰσθησις (percepção sensível), 2. εἶδος (aspecto): νοεῖν (pensamento), λόγος (discurso)	506
§ 68. A discussão da tese: οὐσία (entidade) = σῶμα (corpo) (246e-248a)	513
a) A exposição da duplicidade do ente: ὁρατὸν (visível) e ἀόρατον (invisível). O εἶναι (ser) como συμφυές γεγονός (aquilo que já se encontra presente antes)	513
b) A determinação do εἶναι (ser) como δύναμις εἶτ’ τὸ ποιεῖν εἶτ’ εἰς τὸ παθεῖν (possibilidade de ou bem produzir algo, ou bem sofrer o efeito de algo)	518
§ 69. A discussão da tese: οὐσία (entidade) = εἶδος (aspecto)	522
a) A interpretação do fenômeno do conhecimento por meio do conceito de κοινωνία (consonância)	522
α) O lado oposto diz: οὐσία (entidade) = εἶδη (aspectos)	522

β) A explicação do conceito da <i>κοινωνία</i> (consonância) por meio do conceito da <i>δύναμις τοῦ ποιεῖν καὶ τοῦ πάσχειν</i> (possibilidade da produção e do recebimento da determinação). Ser = <i>δύναμις κοινωνίας</i> (possibilidade da consonância). Recapitulação das formulações até aqui	523
b) A copresença do movimento junto à <i>οὐσία</i> (entidade)	526
α) O ser conhecido como <i>πάθος</i> (sofrer) da <i>οὐσία</i> (entidade)	526
β) A <i>παρουσία</i> (presença) da <i>φρόνησις</i> (circunvisão), do <i>νοῦς</i> (pensamento), da <i>ζωή</i> (vida), da <i>κίνησις</i> (do movimento) junto ao <i>παντελῶς ὄν</i> (inteiramente ente)	527
c) Para a questão da confrontação de Platão com o jovem Aristóteles	529
α) Os momentos aristotélicos na investigação ontológica de Platão: os <i>σώματα</i> (corpos) como solo; a inclusão da <i>δύναμις</i> (possibilidade) . . .	529
β) A solução própria a Platão. Presente como sentido fundamental de ser nas duas posições precedentes. O conceito platônico de ser: <i>παρουσία δύναμews κοινωνίας</i> (possibilidade da presença da consonância)	532
III. A discussão da síntese das teses sobre o <i>ὄν</i> (ente) (249b-251a)	533
§ 70. A síntese das teses sobre o <i>ὄν</i> (ente) com vistas ao fenômeno do conhecimento. O ser de <i>κίνησις</i> (movimento) e de <i>στάσις</i> (repouso) como condição do ser do conhecimento	533
§ 71. A discussão da tese: <i>κίνησις</i> (movimento) e <i>στάσις</i> (repouso) = <i>ὄν</i> (ente) . . .	536
a) Caracterização da situação. A recaída no nível da tese dos antigos: <i>ὄν</i> (ente) = <i>δύο</i> (dois). <i>ἄγνοια ἢ πλείστη</i> (ignorância dos muitos)	536
b) A solução da dificuldade por meio do conceito da <i>δύναμις κοινωνίας</i> (possibilidade da consonância)	537
α) O evitar a coincidência de <i>κίνησις</i> (movimento) e <i>στάσις</i> (repouso) por meio do <i>τρίτον λέγειν</i> (dizer um terceiro) do <i>ὄν</i> (ente)	537
β) A determinação mais aguda da estrutura da <i>συναγωγή</i> (reunião). <i>συλλαβεῖν</i> (tomar conjuntamente) e <i>ἀπιδεῖν</i> (desviar o olhar extrativo) como momentos estruturais da <i>συναγωγή</i> (reunião). A <i>κοινωνία</i> (consonância) do <i>ὄν</i> (ente) com a <i>κίνησις</i> (o movimento) e a <i>στάσις</i> (o repouso)	539
γ) O conhecimento do <i>a priori</i> (= conhecimento da essência) em Platão. Crítica à interpretação equivocada kantianizante. – Para a gênese do neoplatonismo: o <i>ὄν</i> (ente) como <i>τρίτον</i> (terceiro) em <i>σοφιστᾶ</i> e o <i>ἐπέκεινα</i> (além) do neoplatonismo	541
c) A intensificação da dificuldade do esclarecimento do <i>ὄν</i> (ente) por meio do princípio do <i>ὄν</i> (ente) como <i>τρίτον</i> (terceiro). A igualdade da dificuldade em relação ao <i>ἔν</i> (ente) e ao <i>μη ἔν</i> (não ser). – Para a questão da interpretação da transição.	543
TERCEIRO CAPÍTULO	549
A resolução positiva do problema por meio da <i>κοινωνία τῶν γενῶν</i> (consonância entre os gêneros) (251a-264c).	549
§ 72. A questão acerca da unidade dos muitos (<i>κοινωνία</i> – consonância) no <i>λόγος</i> (discurso) (251a-251c)	549
§ 73. Excurso: a “lógica” dos megáricos e de Antístenes (de acordo com Aristóteles) . . .	552

a) A interpretação do λόγος (discurso) em Antístenes. O λόγος (discurso) como simples φάσις (afirmação); a negação do ἀντιλογος (da refutação) .	552
b) O λόγος ψευδής (discurso falso) em Aristóteles. O λόγος ψευδής (discurso falso) como “engano”, “encobrimento”. A distinção entre dois tipos de λόγος (discurso) em Aristóteles: λόγος ὡς εἷς (o discurso como um) e λόγος ὡς πολλοί (o discurso como muitos). A estrutura sintética do λόγος (discurso) como condição de possibilidade do λόγος ψευδής (discurso falso). A negação do λόγος ψευδής (discurso falso) em Antístenes	553
c) Visão prévia: a estrutura sintética do λόγος (discurso) em Platão. A dupla συμπλοκή (O duplo entrelaçamento).	557
d) O significado positivo da doutrina do λόγος (discurso) de Antístenes para Aristóteles. A descoberta do λόγος καθ’ αὐτό (discurso acerca do mesmo) em Aristóteles. A descoberta do γένος (gênero) como o seu pressuposto. . .	559
§ 74. A discussão das possibilidades fundamentais da κοινωνία (consonância) no interior do ente (251-252e).	562
a) Observações introdutórias. A divisão ulterior de <i>O sofista</i> . A determinação da “posição prévia”: a κοινωνία (consonância) no interior do ente como fundamento da dialética. Exposição das possibilidades principais da κοινωνία (consonância).	562
b) Realização da discussão.	564
α) 1. Tese: a exclusão de toda e qualquer κοινωνία (todo e qualquer compartilhamento) em geral. Sua indivisibilidade. A autorrefutação dos antisteniânicos	564
β) 2. Tese: o caráter irrestrito da κοινωνία (do compartilhamento). Sua insustentabilidade. κίνησις (movimento) e στάσις (repouso) como ἐναντιώτατα (os mais opostos)	566
γ) 3. Tese: a κοινωνία (o compartilhamento) “con-dicionada”. Seu reconhecimento como o único sustentável. A defesa do conhecimento.	567
§ 75. Outra clarificação da κοινωνία (do compartilhamento) condicionada do ente (253a-253b)	567
a) A ilustração da κοινωνία (do compartilhamento) condicionada pelas letras. A posição particular das vogais como ilustração da posição particular das determinações fundamentais do ente: δεσμὸς διὰ πάντων (o vínculo que atravessa tudo)	567
b) Excurso: clarificação ulterior do presente universal das determinações fundamentais do ente. A alegoria do pombal no <i>Teeteto</i> de Platão.	569
c) A κοινωνία (consonância) das letras e dos fonemas como “objeto” de uma τέχνη (arte). Referência a uma τέχνη (arte) correspondente em relação à κοινωνία (consonância) condicionada do ente.	572
§ 76. A ideia da dialética (253b-254b)	572
a) A primeira caracterização da dialética. Dialética como πορεύεσθαι διὰ τῶν λόγων (abertura de um caminho por meio da linguagem). γένος (gênero) e εἶδος (aspecto). A descoberta da história da proveniência do ente “concreto” como tarefa da dialética. Os cinco momentos principais da dialética.	

συναγωγή (reunião) e διαίρεσις (separação). Dialética como ciência unicamente livre, isto é, como filosofia.	572
b) A segunda e a terceira caracterizações da dialética. ἕτερον (outro) e ταυτόν (mesmo) como conceitos diretrizes da dialética. O obscuro da terceira caracterização.	578
c) O λόγος (discurso) como modo de acesso ao ente. As diferenças de determinação de “λόγος (discurso)”. – Terceira caracterização da dialética (conclusão).	580
d) Dialética como questão do filósofo. O lugar de morada do filósofo e do sofista: a claridade do ser e a obscuridade do não ser. O primado da clarificação temática do sofista	582
e) O resultado da caracterização até aqui da dialética. Os momentos essenciais e o pressuposto fundamental da dialética.	584
§ 77. A consideração dialética fundamental (254b-257a). A dialética dos μέγιστα γένη (gêneros supremos)	585
a) Observações introdutórias. Solo, tema e intuito da análise dialética seguinte	585
b) Os cinco μέγιστα γένη (gêneros supremos): κίνησις (movimento) – στάσις (repouso) – ὄν (ser) – ταυτόν (mesmo) – ἕτερον (outro). Exposição de sua consistência própria	588
α) O caráter previamente dado de κίνησις (movimento) – στάσις (repouso) – ὄν (ser). Sua relação	588
β) ταυτόν (o mesmo) e ἕτερον (o outro) como tema da investigação ulterior. Determinação da tarefa e antecipação do resultado.	589
γ) A independência de ταυτόν (mesmo) e ἕτερον (outro) ante a κίνησις (o movimento) e a στάσις (o repouso)	594
δ) A independência de ταυτόν (mesmo) e ἕτερον (outro) em relação ao ὄν (ser). ταυτόν (mesmo) e ὄν (ser). ἕτερον (outro) e ὄν (ser). A desigualdade total entre ἕτερον (outro) e ὄν (ser). O πρὸς τι (em relação a algo) como caráter fundante do ἕτερον (outro). Resultado e tarefa	594
c) A δύναμις κοινωνίας (possibilidade da comunhão) do ἕτερον (outro).	601
α) A presença corrente do ἕτερον (outro) no âmbito dos cinco μέγιστα γένη (das cinco raízes supremas). Exemplificação a partir da κίνησις (do movimento)	601
αα) Ponto de partida: retomada da relação entre κίνησις (movimento) – στάσις (repouso) – ὄν (ente) – ταυτόν (mesmo)	602
ββ) 1. Estação: κίνησις (movimento) e στάσις (repouso)	604
γγ) 2. Estação: κίνησις (movimento) e στάσις (repouso)	605
δδ) 3. Estação: κίνησις (movimento) e ἕτερον (outro)	608
εε) 4. Estação: κίνησις (movimento) e ὄν (ser). O ser outro da κίνησις (do movimento) como não ser.	609
β) A presença universal do ἕτερον (outro) em todos os ὄντα (entes) em geral. A presença universal do não ser.	611
§ 78. O esclarecimento conceitual da estrutura do ἕτερον (outro). A determinação do conceito do μὴ ὄν (não ser) (257b-259d)	614
a) O πρὸς τι (em direção a algo) como estrutura fundamental do ἕτερον (outro). O caráter descerrador coisal do “não”	614

α) A distinção entre dois modos do “não”: ἐναντίον (oposição) e ἕτερον (alteridade) (“contraposição” vazia e diversidade dotada de conteúdo substancial)	614
β) O “não” no λόγος (discurso). A negação como deixar-ver. A compreensão positiva da negação na fenomenologia	616
b) Conceção mais aguda da estrutura do ἕτερον: o esclarecimento do ἕτερον (outro) como ἀντίθεσις (contraposição). O μὴ ὄν (não ser) como οὐσία (entidade).	618
α) A concreção da ideia do ἕτερον (outro) <i>qua</i> πρὸς τι (em direção a algo). Oposição (μόριον) e contra-dição (ἀντίθεσις).	618
β) A estrutura do μὴ ὄν (não ser) como ἀντίθεσις (contraposição). A materialidade coisal do μὴ ὄν (não ser). Sua plena dignidade do ser (ὄν(α)). O μὴ ὄν como εἶδος (aspecto) independente no interior dos cinco μέγιστα γένη (cinco raízes supremas).	621
γ) O progresso material na doutrina do μὴ ὄν (não ser) em Platão na relação com Parmênides. ἀντίθεσις (contraposição) e ἐναντιώσις (oposição)	625
c) O μὴ ὄν (não ser) como o fundamento da possibilidade da dialética. Quarta caracterização da dialética	626
d) Excurso: a “teoria” do “não” em Platão e em Aristóteles. O “não” em Parmênides, em Antístenes e em Platão (<i>República. Simpósio. O sofista</i>). A superação da lógica tautológica de Antístenes. Lógica dialética. A doutrina das contradições de Aristóteles. – Para a divisão ulterior de <i>O sofista</i>	627
§ 79. A passagem da consideração dialética fundamental para a análise do λόγος (discurso) (259e-261c). Sobre a questão do significado da consideração dialética fundamental	632
a) Apresentação da necessidade da análise do λόγος (discurso). A questionabilidade da συμπλοκή (conjunção) de ὄν (ser) e μὴ ὄν (não ser) em relação ao λόγος (discurso)	632
b) λόγος (discurso) (ou ψυχὴ – alma) e λόγος ψευδής (discurso falso) como temática central da consideração dialética fundamental. A κοινώνια (comunhão) dos εἶδη (aspectos) como condição de possibilidade do λόγος (discurso). κίνησις (movimento) e στάσις (repouso) como fenômenos fundamentais do conhecimento do ente. A συμπλοκή (conjunção) de κίνησις (movimento) e ἕτερον (outro) como prelineamento do λόγος ψευδής (discurso falso). – O ser do ψεῦδος (falso) como fundamento ontológico dos fenômenos da ilusão	635
§ 80. A análise do λόγος (discurso) (261c-263d).	640
a) Exposição da problemática. Divisão da análise do λόγος (discurso) em três estações	640
b) Primeira estação: a apresentação da estrutura fundamental onomástica e delógica do λέγειν (dizer)	643
α) O ponto de partida pelos ὀνόματα (nomes) como o modo mais imediato de vir ao encontro do λέγειν (dizer). A consistência fenomenal do λέγειν (dizer) em Platão: ὀνόματα (nomes) – γράμματα (letras) – εἶδη (aspectos) – εἴδη (aspectos) <i>qua</i> ἐπιστητά (entes conhecidos). A reinserção	

	no ser-no-mundo como tarefa de uma interpretação “fenomenológica” da análise platônica do λόγος (discurso)	643
β)	A κοινωνία (comunhão) dos ὀνόματα (nomes) no λόγος (discurso) . . .	647
αα)	ὁ δῆλον (tornar manifesto) como critério da κοινωνία (comunhão) dos ὀνόματα (nomes) no λόγος (discurso). Recusa da interpretação dos ὀνόματα (nomes) como sinais. A essência dos ὀνόματα (em geral) como δηλώματα (entes evidenciados)	647
ββ)	A diferenciação fundamental dos ὀνόματα (nomes) em geral em ὄνομα (nome – no sentido mais restrito) e ῥήμα (verbo). A conquista da diferenciação a partir do δηλούμενον (daquilo que se tornou manifesto). ὄνομα (nome) = δήλωμα (aquilo que se tornou manifesto) do πράγμα (da coisa); ῥήμα (verbo) = δήλωμα (aquilo que se tornou manifesto) da πράξις (ação). A determinação platônica de ὄνομα (nome) e ῥήμα (verbo) como preparação para sua determinação em Aristóteles. “Substantivo”. “Verbo”	650
γγ)	A συμπλοκή (conjunção) de ὄνομα (nome) e ῥήμα (verbo) como condição de possibilidade essencial da κοινωνία (comunhão) dos ὀνόματα (nomes) no λόγος (discurso). ὁ δῆλον (tornar manifesto) como fenômeno primário no interior da construção estrutural da língua; como determinação constitutiva do ser-ai: ser-em. – Ὁ λόγος συμκρότατος (“proposição”). Denominar e dizer. – Resumo da primeira situação	653
c)	A segunda estação: a elaboração da estrutura do λεγόμενον (dito) <i>quia</i> λεγόμενον (<i>quia</i> dito) (= θια δηλούμενον – <i>quia</i> algo que se tornou manifesto)	658
α)	A determinação fundamental do λόγος (discurso): λόγος (discurso) = λόγος τινός (discurso sobre algo). Sua redescoberta em Husserl: “intencionalidade”	658
β)	Os momentos da articulação do τί (algo) como τινός (o sobre-o-quê) do λέγειν (dizer): 1. Sobre-o-quê (περὶ ὄν), 2. Como-o-quê (ἔτου), 3. De quê. A estrutura do τί (algo) como λεγόμενον (dito): algo como algo. – Distinção dos três modos de κοινωνία (comunhão) no λόγος (discurso)	660
d)	Terceira estação: a análise do λόγος (discurso) com vistas ao δῆλον (tornar manifesto)	663
α)	A determinação fundamental do λόγος (discurso) qual λόγος τινός (discurso sobre) como condição fundamental do λόγος (discurso) ilusório. Ὁ ποιόν (que tipo) (ἀληθές – verdadeiro ou ψεῦδος – falso) como caráter necessário do λόγος (discurso)	663
β)	A interpretação dialética de Platão do ψεῦδος (falso) e do ἀληθές (verdadeiro). A κοινωνία (comunhão) do ὄν (ente) <i>quia</i> λεγόμενον (como dito) com ο ταυτόν (mesmo) e ο ἕτερον (outro) como fundamento da possibilidade do λόγος ἀληθής (discurso verdadeiro) ou ψευδής (falso). A quarta κοινωνία (comunhão) no λόγος (discurso)	665
γ)	Versão resumida do resultado da análise do λόγος (discurso). Ὁ λόγος (discurso) como σύνθεσις (síntese). A κοινωνία (comunhão) quádrupla no λόγος (discurso)	668

§ 81. A análise da δόξα (opinião) e da φαντασία (imaginação) (263d-264d). O esclarecimento da τέχνη σοφιστική (arte sofística) como τέχνη δοξαστική (arte opiniátrica) e como τέχνη φανταστική (arte de produção de fantasmas). – διάνοια (pensamento discursivo), δόξα (opinião) e φαντασία (imaginação) como modos do λέγειν (dizer); sua possibilidade de ligação com o ἕτερον (outro) (isto é, μὴ ὄν – não ser ou ψεῦδος – falso)	670
---	-----

ANEXOS

ADENDOS – A PARTIR DO MANUSCRITO DE HEIDEGGER	675
I. Adendos à parte introdutória	675
II. Adendos à transição	689
III. Adendos à parte principal	699
ADENDO ORIUNDO DO CADERNO DE S. MOSER	719
1. (Adendo à página 433)	719
POSFÁCIO DA EDITORA	721